

# No princípio era o isolamento voluntário, agora temos que correr para recuperar o tempo perdido

*(From voluntary isolation to attempts at recovery)*

**João Claudio Todorov<sup>1</sup>**

Universidade de Brasília  
Brasília- Brasil

## RESUMO

A Análise do Comportamento nasceu de uma mutação na evolução das teorias em psicologia e tem se desenvolvido em relativo isolamento desde então, seja por desígnio do próprio Skinner, seja pela rejeição sistemática que tem sofrido de parte do establishment acadêmico. Talvez por isso seu desenvolvimento não tem sido homogêneo. Verdadeiras ilhas denominadas “Análise Experimental”, “Análise Comportamental Aplicada”, “Comportamento Verbal” e “Behaviorismo Radical” foram sendo formadas em sucessão, abrigando comunidades verbais distintas. Nos últimos 20 anos tem havido esforço para intercomunicação entre esses grupos, como se percebe nas citações em artigos e livros e na composição dos conselhos editoriais dos periódicos científicos. A ABAI – Association for Behavior Analysis International tem exercido papel importante nesse esforço de unificação.

*Palavras-chave:* Análise do Comportamento, Psicologia, comunidade verbal, ABAI.

## ABSTRACT

Behavior Analysis was a mutation among psychological theories and was developed in relative isolation by Skinner’s purpose in conjunction with its systematic rejection by the academic world. Those factors led to a lack of harmony in its development, with islands called “Experimental Analysis”, “Applied Behavior Analysis”, “Verbal behavior”, and “Radical Behaviorism” being formed in succession, made of distinct verbal communities. An effort toward unification is under way for the past 20 years, as one can observe in citations and editorial board composition of the major journals. ABAI – the Association for Behavior Analysis International has been the major force supporting that effort.

*Key-words:* Behavior Analysis, Psychology, verbal community, ABAI.

1) João Claudio Todorov é Professor Emérito e Pesquisador Voluntário da Universidade de Brasília, e Bolsista de Produtividade Científica 1D do CNPq. Endereço email para contato com o autor: joaoclaudio.todorov@gmail.com

Logo após a publicação de “O Comportamento dos Organismos” (Skinner, 1938), em uma publicação na qual comenta o livro, Hilgard (1939) prevê que o sucesso da empreitada vai depender de achados experimentais que ajudem a validar o sistema frente às questões fundamentais da psicologia, até então formuladas de outras maneiras por outras abordagens; disso dependeria a probabilidade de poder competir com os outros sistemas da psicologia (Todorov, 2008).

A proposta de Skinner era muito estranha para a psicologia da época; continua já não muito, mas ainda estranha, por seu caráter de ciência do comportamento em tempos de revivalismo da mente, do sistema nervoso conceitual, e do cérebro como computador (analogia mais sofisticada que o mecanismo de Descartes, a hidromecânica de Freud, mas ainda analogia). Outro ponto levantado por Hilgard (1939) foi o da ousadia de propor o método indutivo para construir a teoria, com a dedução vindo depois para prever novos achados, uma maneira de pensar incompatível com a tradição da cultura cristã ocidental, que faz do teste de hipóteses a maneira de trabalhar da ciência (Hilgard, 1939, p. 283).

Se alguém se propõe a formular uma proposta nova em um campo já ocupado por várias outras, espera-se que seus méritos sejam realçados em confronto com as alternativas. Skinner não faz nada disso no período que vai de sua tese de doutorado (1931) ao artigo sobre análise operacional de termos psicológicos, publicado no *Psychological Review* (Skinner, 1945), com novo salto até “O Comportamento dos Organismos” (Skinner, 1953), raramente citando quem está comentando. Em 1950 as teorias desses “não citados” são criticadas em um artigo que afastou qualquer possibilidade de colaboração por gerações: *Are theories of learning necessary?* (Skinner, 1950), que seria responsável pelo verdadeiro manifesto da moderna Psicologia Cognitiva (Miller, 1956, 2003).

*“As leis do reflexo, que ocupam muitas páginas de “O Comportamento dos Organismos” e deveriam ser a base de uma teoria construída “de baixo para cima”, do reflexo ao pensamento, ainda receberam muita atenção em “Princípios de Psicologia” de Fred S. Keller e W. N. Schoenfeld (1950/1968), mas ocupam cada vez menos espaço em livros didáticos, como Millenson (1967/1975), Catania (1984), e Donahoe e Palmer (1994). A análise do comportamento se especializa em comportamento operante, tratado como se fosse independente de sua base reflexa.” (Todorov, 2008, p. 2).*

Quando Skinner abraça o behaviorismo, deixa de lado a literatura inglesa e começa o doutorado em psicologia em Harvard, a distinção comportamento reflexo – comportamento voluntário ou instrumental já era senso comum. Sua contribuição foi mostrar que a busca de uma explicação comum tendo por base o sistema pavloviano era um beco sem saída. Muda a nomenclatura e esclarece o papel de estímulos antecedentes e consequentes na identificação de dois tipos de processos, operantes e respondentes. Faz isso sem qualquer menção aos seus competidores, mesmo os mais diretos, os proponentes de diferentes teorias da aprendizagem, como Lewin (1936), Tolman (1932), Hull (1943) e Guthrie (1935). A falta dessa discussão dificultou muito sua popularização. Como disse Hilgard:

*“Se Skinner não foi capaz de relacionar sua obra aos trabalhos de outros pesquisadores, como se pode exigir de um leitor, que desconhece seu trabalho, que faça por si só essas transições?” (Hilgard, 1939, p. 124).*

O distanciamento da psicologia como um todo, prejudicou o livro, para Hilgard (1939), e dificultou sua divulgação, levando a um impacto bem menor do que merecia. No que se refere ao comportamento de indivíduos, a extensão para áreas abertas por outros sistemas é lenta e esporádica, como em “The operational analysis of psychological terms” (Skinner, 1945) e “O Comportamento Verbal” (Skinner, 1957), e apenas sugestiva na maior parte do que se refere ao comportamento em grupos, organizações e sociedades (Skinner, 1953/1967).

As críticas de Hilgard eram importantes. Não foram levadas em conta, nem por Skinner, nem pelos seguidores de então, com a exceção talvez de F. S. Keller e W. N. Schoenfeld em “Princípios de Psicologia” (Keller & Schoenfeld, 1950/1968). Mesmo assim, o uso da frequência do comportamento como variável dependente abriu um campo fértil e inexplorado. Segundo Himeline (1990), (a) a análise do comportamento passa a ser o estudo, definição e caracterização de ambientes efetivos em processos de interação ambiente-comportamento; (b) um processo psicológico é compreendido como uma interação ambiente-comportamento; (c) taxa de respostas é uma abstração, ainda que composta de eventos tangíveis, observáveis, uma abstração difícil de ser entendida pelo leigo, da mesma maneira que foi difícil para muitos psicólogos entender a redefinição de Skinner para reflexo, outra abstração, uma relação entre classes de eventos observáveis, e nada mais (Todorov, 2008). Mas Skinner desenvolve isso tudo em isolamento:

*“For years I had had a sublime faith that the truth would prevail. I was quite content to get to my papers into print somewhere; those who needed them would find them. (It was a useful principle, for it permitted me to continue working in isolation when isolation was probably more valuable than being influential).”* Skinner, 1983, p. 163.

Skinner pode ter se isolado de propósito, mas de qualquer forma o isolamento continua sendo o DNA da análise do comportamento. Na década de 50 vários artigos importantes foram publicados em outros periódicos (e.g., Dinsmoor, 1951; Ferster, 1957; Sidman, 1953), tal a dificuldade de publicar no prestigioso *Journal of Experimental Psychology* pesquisas com  $n = 1$ , coração da análise experimental do comportamento de indivíduos.

O isolamento levou à criação de uma revista própria, dirigida por ex-alunos de Keller e de Skinner, para publicar suas pesquisas. Esse grupo teve origem ainda em Harvard quando Keller e Skinner eram alunos de doutorado, e um só tinha o outro como ouvinte esclarecido para discutir behaviorismo. Durante anos Skinner reuniu esse grupo durante as férias de verão, aumentando aos poucos a comunidade verbal que se consolida com a criação do *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, um híbrido de psicologia experimental e fisiologia para oferecer o espaço negado pelo *Journal of Experimental Psychology* que também funcionou como um refúgio seguro para o desenvolvimento de uma nova espécie, à maneira do processo de especiação na evolução das espécies. Quando membros de uma mesma espécie ficam geograficamente separados por muito tempo as mutações geram modificações no pool genético apenas do grupo onde ocorreram. O JEAB representou um refúgio seguro para o desenvolvimento da nova espécie da “família” psicologia experimental, mas as fronteiras auto impostas levaram a análise do comportamento para mais longe ainda da psicologia e dos colegas da área aplicada.

Depois de 10 anos de *inbreeding*, uma parte da “colônia” achou novo refúgio para as mutações, os patinhos feios da análise experimental: o *Journal of Applied Behavior Analysis*. Um exame das

citações e dos membros dos conselhos editoriais nas primeiras décadas da separação mostra que os dois periódicos eram verdadeiras ilhas behavioristas separadas por psicologia por todos os lados. Ainda assim, um outro refúgio foi necessário para abrigar skinnerianos renitentes, que não encontravam abrigo nem no JEAB, nem no JABA. Jack Michael os socorreu em novo santuário, *The Journal of Verbal Behavior*; nova ilha na mesma lagoa.

Um processo de reunificação começou há mais de 40 anos, com apoio de Skinner e Keller, e um esforço de Jack Michael e seus ex-alunos da Western Michigan University, começou a se reunir a ABA – Association for Behavior Analysis, mais tarde e até hoje ABAAI - Association for Behavior Analysis International. Já não há mais o isolamento nos conselhos editoriais e citações de uns periódicos pelos outros são comuns. Mas ainda falta a ambição de abrangência que havia em “” (Keller & Schoenfeld, 1950). Publicações posteriores foram sempre restritas, como Honig (1966), Honig & Staddon (1977), ou auto seletivas como a ênfase de Catania na aprendizagem (Catania, 2007) e de Baum na cultura (Baum, 2005). Os novos *handbooks* poderiam representar um avanço maior, mas o *The Wiley Blackwell Handbook of Operant and Classical Conditioning* (McSweeney & Murphy, 2014) e os dois volumes do *APA Handbook of Behavior Analysis* (Madden, 2014) ficam longe do objetivo de congregar o que há de mais representativo na Análise do Comportamento. Em um certo sentido são provincianos: há uma clara preferência pelos pesquisadores estadunidenses, mesmo quando os estrangeiros publicaram nos Estados Unidos. E simplesmente não temos um Handbook of Psychology, da psicologia como é vista por um behaviorista. Acho que Watson ia gostar de ver esse livro.

## REFERÊNCIAS

- Baum, W. M. (2005). *Understanding behaviorism: Behavior, culture, and evolution*. Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Catania, A. C. (2007). *Learning*. 4ª. Ed. USA: Sloan Publishing.
- Guthrie, E. R. (1935). *The psychology of learning*. New York, NY: Harper & Row.
- Hilgard, E. R. (1939) Review of B. F. Skinner's *The Behavior of Organisms*. *Psychological Bulletin*, 36, 121-125.
- Hineline, P.N. (1990). The origins of environment-based psychological theory. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 53, 305-320.
- Honig, W. K. (1966). *Operant behavior: areas of research and application*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Honig, W. K., & Staddon, J. E. R. (Eds.). (1977). *Handbook of operant behavior*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Hull, C. L. (1943). *Principles of behavior*. New York, NY: Appleton-Century-Crofts.
- Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1950/1968). *Princípios de Psicologia*. (Tradução de Carolina M. Bori e Rodolpho Azzi). São Paulo: EPU.
- Madden, G. J. (2014). *APA Handbook of Behavior Analysis*. Washington, D. C.: American Psychological Association.
- McSweeney, F. K. & Murphy, E. S. (2014). *The Wiley Blackwell Handbook of Operant and Classical Conditioning*. Malden, MA: John Wiley & Sons.
- Miller, G. A. (1956). The magic number seven plus or minus two. *The Psychological Review*, 63, 81-97.

- Miller, G. A. (2003). The cognitive revolution: a historical perspective. *Trends in cognitive sciences*, 7(3), 141-144.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277.
- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57, 193-216.
- Skinner, B. F. (1953/1967). *Ciência e comportamento humano*. New York, NY: Macmillan. Tradução de J. C. Todorov e Rodolpho Azzi, Editora Universidade de Brasília.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York, NY: Appleton-Century-Crofts.
- Todorov, J. C. (2008). Uma revisão de revisões por ocasião dos 70 anos de O Comportamento dos Organismos. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 4(1), 1-7.
- Tolman, E. C. (1932). *Purposive behavior in animals and men*. New York, NY: Appleton-Century-Crofts.

*Received: July 6, 2015*  
*Accepted: July 10, 2015*